

HISTÓRICO DA COMUNIDADE DE ROCINHA

APRESENTAÇÃO

Este documentário contém um breve relato histórico da Comunidade de Rocinha – Três de Maio - RS, a partir da origem do nome, o surgimento da comunidade, primeiras famílias, organização religiosa e comunitária, informações, datas históricas, curiosidades e fatos significativos.

Teresinha Turra, 30 anos professora na comunidade, reuniu a base de informações para esta peça em inúmeras visitas, conversas, cruzamentos de dados, fatos e fotos com quem é ou faz parte de uma história ainda viva e possível de ser resgatada e documentada.

Nelsis José Turra se encarregou da compilação, redação, revisão, edição e divulgação deste patrimônio intangível, mas valioso.

O conteúdo desta HISTÓRIA DA COMUNIDADE, conjugado com a HISTÓRIA DAS FAMÍLIAS, HISTÓRIA DA ESCOLA e HISTÓRIA DO ESPORTE, com a GALERIA DE FOTOS compõe um registro ímpar e o mais abrangente que existe desta amada comunidade.

Certamente poderemos complementar com mais relatos ou registros e também dar um formato dentro de padrões cientificamente corretos.

Todas as sugestões, complementos, correções, serão de grande valor para atualizar, embelezar e ampliar esta história.

Estamos esperando contatos e materiais para divulgar.

Um abraço amigo.

Teresinha Turra
Nelsis José Turra

Três de Maio RS, novembro de 2007.

SUMÁRIO

ORIGEM DE ROCINHA	3
FAMILIAS PIONEIRAS	3
COMUNIDADE	4
DATAS HISTÓRICAS	5
RELIGIOSIDADE	6
CASA CANÔNICA	8
VOCAÇÕES RELIGIOSAS	8
FESTA DA PADROEIRA	10
PRESIDENTES DA COMUNIDADE	10
EMPREENDIMENTOS	11
CONTRUÇÃO DA CAPELA.....	12
TRADICIONALISMO GAÚCHO	14
POLÍTICA.....	15
PADRES MISSIONÁRIOS DA CONSOLATA.....	15
CURIOSIDADES GERAIS	18

ORIGEM DE ROCINHA

O nome ROCINHA se deve ao fato quando os primeiros agrimensores, medidores de terras, que chegaram à localidade, já encontraram uma pequena roça em meio a mata virgem e naturalmente identificaram o local com o nome ROCINHA que até hoje permanece.

O surgimento da comunidade se deu com a chegada dos imigrantes, entre os anos 1918 e 1920. Aí encontraram alguns luso-brasileiros: Carapeva, Vidal, Mambuca, Nunes, Verdum, Lima, entre outros.

Os pioneiros adquiriam suas terras do governo.

O pagamento destas áreas e conquista dos títulos definitivos de propriedade foram feitos mediante prestação de serviços braçais na derrubada de mato e abertura das primeiras estradas, por onde precisavam transitar e interligar-se com centros maiores como Cruzeiro, Três de Maio, Ijuí.

FAMILIAS PIONEIRAS

Entre as famílias pioneiras, descendentes de italianos, que chegaram entre 1918 e 1925, destacam-se: Jacó Padoin, Luis Padoin, Emilio Maschi, Pedro Strapasson, Pedro Ribolli, João Andreazza, Rústico Boz, Luciano Tibola, Ernesto Benedetti, Giácomo Turra, Festivo Benedetti, Pedro Lorenzet, Antônio Martinelli, João Veronezi, Isidoro De Carli.

Provindos das “colônias velhas” Silveira Martins, Caxias, Guaporé..... a cada ano outras levas de famílias se somavam aos desbravadores.

Outras etnias, especialmente germânica, polonesa e lusitana, também se somaram na formação da comunidade ampliando o mosaico de sobrenomes tais como Brojoski, Richter, Hommerding, Leite, Campos, Correia, Almeida, Rodrigues. Muitas destas famílias emigraram para outras regiões sem deixar descendentes.

COMUNIDADE

A comunidade, no seu auge, contou com mais de 170 famílias associadas entre 1965 e 1970. A partir de então houve desmembramentos de famílias que formaram novas comunidades como Beato Anchieta, Santa Lúcia, parte de São Miguel (região do Somavilla) as duas últimas pertencentes a paróquia e município de Tucunduva. A comunidade de São Braz, mais tarde, teve como fundadores Rústico Boz, Pedro Strapasson e Emílio Maschi, inicialmente fundadores da Comunidade de Rocinha.

O número de filhos das famílias, em sua maioria, variava entre oito até 14 filhos.

Em 1986 Rocinha contava com 63 famílias associadas. Em 2007 são 53 famílias.

As mudanças sócio-econômico-culturais mudaram radicalmente a fisionomia da comunidade, suas práticas e suas relações. Movidos pela esperança de melhores dias, para si e seus filhos, a exemplo dos pioneiros de quase 100 anos, estes rocinhense passaram a ser pioneiros de novas histórias em novos locais. Migraram para centros urbanos, buscaram a sobrevivência e concretizar o sonho de melhores dias em outros municípios industrializados (regiões de Caxias, Vale dos Sinos, Serra...). Outros foram desbravar novas fronteiras agrícolas em outras unidades da federação.

Rocinha é um pródigo berço de ótimos e exemplares cidadãos e cidadãs, respeitados e respeitadores, gente de boa índole, que se destacam nas mais diversas áreas do conhecimento. Com certeza cada um carrega no coração, com orgulho e com saudades a Rocinha que o viu nascer, crescer, ou acolheu por algum período de sua vida.

A Comunidade é presidida por uma diretoria, eleita para mandato de um ano, por delegação de voto secreto e soberano da Assembléia Geral.

O Jantar Típico Italiano no segundo sábado de julho é uma tradicional, apreciada e muito concorrida festa, preparado pelos moradores de Rocinha,

teve seu início em 1990 e se mantém como um dos principais eventos comunitários.

Outras atividades esportivas e sociais sempre ocorrem.

Um evento que marcou em sua época, no final da década 1980 início de 1990, foram três edições do Ritornare, oportunidade de retorno dos filhos de Rocinha as suas raízes.

DATAS HISTÓRICAS

Dia 21 de novembro é dedicado à padroeira Nossa Senhora da Saúde.

21/11/1933 – Inauguração da segunda capela e introdução da atual imagem de Nossa Senhora da Saúde, doada pelo devoto e fundador JOÃO ANDREAZZA, como pagamento de uma promessa feita em favor de sua saúde. A procissão festiva, acompanhada por muita gente, saiu da residência do Sr. Ernesto Benedetti até a capela de madeira. A imagem custou 620 mil reis. A comunidade contribuiu com 120 mil reis e os 500 mil reis foram patrocinados por João Andrezza.

02/02/1940 – Aprovação dos “Estatutos da Sociedade Física e Moral Nossa Senhora da Saúde de Rocinha”. Na presidência estava o Sr Liberato Corso.

13/10/1941 – Fundação da AGREMIAÇÃO FUTEBOLÍSTICA DE LAJEADO ROCINHA.

20/01/1957 – Lançamento da Pedra Fundamental para a construção da capela atual, no dia da festa de São Sebastião, Padroeiro da Juventude.

21/11/1957 – Inauguração festiva da atual capela, construída em tempo record marcada pelo trabalho organizado desde crianças até os mais velhos, em grande Festa da Padroeira.

11/11/1984 – Primeira missa de Padre Elio Rama, ordenado no dia 10/11/1984 na Matriz Nossa Senhora da Conceição de Três de Maio, filho de João Rama e da imigrante italiana Justina Fiorentini Rama, primeiro sacerdote filho desta terra.

30/12/1986 a 01/01/1987 – “I Rittornare” – Reencontro de conagraçamento, de volta as raízes, dos filhos nascidos ou vividos em Rocinha e espalhados pelo Brasil.

30/12/1987 a 01/01/1988 – “II Rittornare” – Com inauguração do galpão crioulo Gaudério Fiorentino

RELIGIOSIDADE

Os pioneiros imigrantes, principalmente descendentes de italianos, trouxeram consigo uma forte ligação a religiosidade, trazidas da longínqua e saudosa Itália.

No início as famílias se reuniam nas casas para rezar e fortalecer-se na fé.

Já em 1924 construíram o primeiro CAPITEL, medindo 4 x 4,5 metros onde foi colocado um quadro com a imagem de Nossa Senhora da Saúde, escolhida para ser a padroeira da nova comunidade. Este pequeno templo serviu para os encontros religiosos até 1933, quando foi construída uma capela um pouco maior, em madeira, posicionado com sua frente para o sol poente, no local onde atualmente está a quadra de esportes.

No passado as pessoas se encontravam na comunidade, no domingo pela manhã para rezar o terço e a tarde para jogar baralho, futebol, caçador e outras diversões.

As festas marcantes da comunidade sempre foram celebradas com procissões, muito participadas: dia da padroeira da comunidade, do padroeiro da juventude, festa de corpus Christi, Natal.

Muitas estátuas, símbolo da religiosidade, sempre ocuparam seu espaço na capela e foram doadas por algumas famílias:

Santo Antônio, doada por Osório Cousseau.

Nossa Senhora Medianeira, doada por João e Virgínia Turra, festejada no mês de maio, dedicada as moças “Filhas de Maria”.

Grande Crucifixo, colocado no centro da capela, foi doada por LUIZ VANZIM, caxiense que residiu em Rocinha por um curto período e se dedicava a indústria de malhas.

Quadros da “via sacra” doados por Francisco Lorenzet.

Padre Vicente Testani introduziu em cada casa e fez a consagração da família ao Sagrado Coração de Jesus, surgindo assim o “Apostolado da Oração”. Também introduziu a Ação Católica em 1938. Uma das animadoras foi a imigrante Justina Fiorentini. Já conhecia e vivera este movimento na Itália. Era quatro grupos de famílias que se encontravam, sempre nas quartas-feiras, para rezar, ler a história sagrada, aprender catequese, conversar, cantar e fazer “filó”. A Ação Católica ajudou muito na formação cristã, educação de fé, fraternidade, solidariedade entre os pioneiros. A Ação Católica concreta era a prestação de serviço entre as famílias. Era a ação missionária dos leigos na época.

A primeira catequista foi a professora Corona Corso, em 1932. Depois, outras catequistas se sucederam entre elas Ester Tibola e Paulina Lorenzet.

Havia os tradicionais, dedicados e responsáveis por “puxar” as rezas na capela, em velórios como: Pedro Lorenzet, Pedro Compagnoni, Jorge Dalcin.

No final da década 1950 mereceu destaque, a Festa de Corpus Christi celebrada todos os anos. Todos ajudavam preparar. Muitas pessoas se recordam dos bonitos, coloridos e variados tapetes com símbolos e imagens religiosos feitas de serragem pintada que enfeitavam a quadra inteira em torno da igreja, por onde passava a procissão animada com reza e cantos.

A religiosidade também era cultivada através do grupo de homens os “Congregados Marianos”, grupo das “Cruzadas Eucarísticas” composto de crianças, moças integravam as Filhas de Maria, “Apostolado da Oração” formado por senhoras. Cada qual com suas devoções e organização.

A celebração dominical, reza de terço, missa ou culto continua ser um momento de encontro das famílias, na comunidade

CASA CANÔNICA

A Extinta CASA CANÔNICA, localizada ao lado da igreja em diagonal ao campo de futebol, foi construída com o reaproveitamento de materiais da escola desmanchada, em função da construção da nova escola, em alvenaria, no ano de 1949/1950. A madeira para construção da antiga escola foi doada pelos moradores.

A Casa Canônica servia para hospedar o padre quando o mesmo percorria as comunidades do interior pela região. No início, o deslocamento era feito no lombo de cavalo ou de carrinho puxado a cavalo. Pessoas da comunidade que transportavam o padre até o seu próximo destino. A casa canônica era simples, com sala de estar e refeições, cozinha, quarto e banheiro, modestamente mobiliada. Voluntárias da comunidade cuidavam da limpeza, conservação, preparação das refeições.

Em 1998, esta casa foi vendida. Com valor arrecadado desta venda aplicou-se em reparos e melhorias, no cemitério da comunidade.

VOCAÇÕES RELIGIOSAS

Especialmente nas décadas 1960 e 1970, grande parte dos adolescentes ingressou em seminários ou colégios. Esta alternativa, apoiada pelas famílias, representou para muitos a grande oportunidade de suas vidas para estudar. Assim, os meninos após a quarta ou quinta série do primário, com 10 a 13 anos, iam para o Seminário Nossa Senhora de Fátima em Três de Maio, construído pela comunidade e dirigido pelos padres Missionários da Consolata. As “gurias” para o Colégio Cristo Rei de Horizontina, das freiras da Consolata ou Dom Hermeto. Depois desta etapa, novos sonhos em seminários superiores, Erechim, São Paulo, colégios

profissionalizantes ou faculdades mais distantes, Ijuí, Santa Maria, Porto Alegre.

Destacamos o nome dos que assumiram a vida religiosa, que exerceram ou exercem seus ministérios em locais diversos com: África, Portugal, Argentina, Colômbia, Inglaterra, São Paulo, Porto Alegre, Tenente Portela, Três de Maio, Horizontina.

Padres Missionários da Consolata:

- ✓ Pe. Elio Rama

Irmãs Missionárias da Consolata

- ✓ Margarida Benedetti
- ✓ Paulinângela Lorenzet
- ✓ Rosinês Fiorentini
- ✓ Inês Fiorentini
- ✓ Lúcia Tibola
- ✓ Lucimar Tibola

Irmãs Filhas do Sagrado Coração de Jesus

- ✓ Euzébia Benedetti
- ✓ Lucia Inês Compagnoni
- ✓ Lúcia Balsan
- ✓ Inês Roberti
- ✓ Assunta Roberti
- ✓ Rosa Telka

Outros nomes, que estiveram ligados a comunidade de Rocinha, através da Escola ou período de tempo, o Padre José Tolfo – Comunidade Navegantes e Irmã Geni Adoryan – Comunidade São Caetano.

Juntamente com estes religiosos, voluntariamente, outras pessoas – Teresinha Turra, Nelson Dalcin, Festivo Benedetti, Luis Carlos Zucatto, Giovane Zucatto, Sônia Tibola - se preparam e exercem ou exerceram em nível paroquial alguns destes Ministérios Extraordinários: Palavra,

Eucaristia, Batismo ou Matrimônio. (Teresinha e Luis concluíram o Curso de Teologia Pastoral para Leigos)

Outros membros da comunidade freqüentaram cursos de Agentes de Pastoral: Jorge Tibola, Jorge Benedetti, Rosane Benedetti, Maria Tibola, Sara Andreazza, Crestina Tibola, Marlene Benedetti, Fátima Dembogurski, Bernadete Padoin, Renato Corso e Ricardo Benedetti.

FESTA DA PADROEIRA

Nossa Senhora da Saúde é festejada anualmente no domingo mais próximo ao dia 21 de novembro.

Em torno da celebração religiosa festiva com missa solene, procissão da Imagem da Padroeira, bênção de água, unção a pessoas idosas ou doentes, bênção da saúde, com imposição das mãos pelo sacerdote, individualmente. Tudo com preparação antecipada nos grupos de famílias.

Após a missa festejos populares, com churrasco comprado em espetos de madeira retirada do mato, cravados no chão, em baixo das árvores na praça, “gasosa” com vinho, gelo conservado na serragem. Pescaria, rifa, jogos, caçador, futebol, leilão, reunião dançante, namoriscos.

O estilo das festas evoluiu com os tempos.

PRESIDENTES DA COMUNIDADE

Nos primeiros tempos o presidente da comunidade, indicado pelo bispo da diocese, permanecia por vários anos no cargo, pois julgava, desta forma manter o melhor andamento e continuidade por alguém conhecido e que conhecia bem as pessoas e a realidade. Liberato Corso esteve na presidência por 10 anos (1937 – 1947) e neste período foram elaborados os Estatutos Sociais da Comunidade, tarefa liderada especialmente por ele,

Pedro Compagnoni, Pedro e Francisco Lorenzet. Esta obra prima mereceu elogios e admiração com relação a qualidade do mesmo quando da visita do bispo de Uruguaiana a comunidade de Rocinha. Levou consigo como modelo para adotar em outras comunidades. Segundo o próprio Liberato, só conseguiram reaver o fruto do trabalho, escrito em italiano, depois de muito tempo e muita insistência. (ver e anexar originais ou transcrição).

Pelos depoimentos dos mais antigos, e sem precisar datas, passaram pela presidência da comunidade muitas pessoas, os que a memória lembrou foram estes: Festivo Benedetti, Francisco Lorenzet, Isidoro Antônio Dalcin, Pedro Compagnoni, Liberato Corso, Alberto Balsan, Claudino Andrezza, Antônio Padoim, João Fiorentini, Altemiro Benedetti (1968), Casemiro Corso, Dovílio Turra, Luiz Lorenzet, Avelino Salante, Alberto Benedetti, Estevão Dembogurski (1973), João Sebastião Turra (1974, 2000), Oscar Zucatto (1976), Marino Dalcin (1977), Ângelo Lorenzet (1979), Pedro Andrezza (1981, 90, 92 e 95), Alvino Compagnoni (1985), Valentim Lorenzet(1987), Euclides Lorenzet(1988), Marino Padoim(1990), Marino Padoim(1992), Alberto Benedetti (1994), Sebastião Compagnoni(1996), Renato Benedetti(1997), Mathias Dembogurski(1998, 2006), Antônio Tusset(1999), Pio Rama (2001); Pedro Somavilla (2002) Alceu Corso (2003), Jorge Tibolla (2004), Celso Benedetti (2005), Henrique Corso(2007)

EMPREENDEIMENTOS

Rocinha se desenvolveu rapidamente e além da agricultura foram surgindo pequenas indústrias, vocação empreendedora dos imigrantes.

Na década de 1960 funcionavam a Serraria do Liberato Corso e Filhos, Sapataria do João Compagnoni, Marcenaria de Giácomo e Dovílio Turra, marcenaria da Família Ramiro, alfaiataria do Onorino Brum, malharia do Luiz Vanzin, ferraria do Alécio Dalcin, ferraria do Alfredo Perinazzo, olaria do Antoninho Salante, olaria do Liberato Corso, pequena fábrica de queijos do

Jorge Dalcin, gerador de energia elétrica do Liberato Corso, gerador de energia elétrica do Osório Cousseau, soque de erva e cereais do Lino Roberti, açougue comunitário com abatedouro e picador, onde todos os sábados os moradores de Rocinha e comunidades vizinhas se abasteciam do pedacinho de carne para a semana.

Durante muito tempo a energia elétrica que abasteceu a iluminação da Igreja e a comunidade era fornecida pelo Liberato Corso. Elevados impostos elevados, falta de estímulos as iniciativas de geração de energia fizeram se apagar estes projetos. A partir de 1970, depois de muita espera a desejada eletricidade chegou para revolucionar os hábitos e impulsionar o desenvolvimento, através da Cooperativa de Eletrificação Rural CERTIL que espalhou pela região esta facilidade

A primeira Casa de Comércio de gêneros de primeira necessidade, funcionou na residência do Ernesto Benedetti, depois vieram os Bergolie mais tarde os Ribolli.

Luciano Tibola e Antonio Salante foram os primeiros Carroceiros-Freteiros que transportavam os produtos até Giruá e mais tarde Cruzeiro, local aonde chegavam vagões de carga e passageiros.

CONTRUÇÃO DA CAPELA

A construção da atual capela, em período record, deve-se ao grande incentivo do Padre José Radicci e o trabalho constante de cinco equipes, em cada semana, sob a coordenação geral do Sr Liberato Corso. Todos tinham tarefas. As crianças colaboraram quebrando pedras com martelo para fazer a argamassa, muitas vezes na hora do recreio das aulas e o faziam com muita disposição. Foram utilizados 120.000 tijolos fornecidos pela olaria do Liberato Corso e olaria do Antoninho Salante.

Na construção se destacaram os pedreiros Maião, Ademar e Albino Segatto, Miguel Corso e Benjamin Dalcin. Foram capatazes de turmas diárias João Balsan, Alberto Balsan, Claudino Andreazza, Liberato Corso,

Fortunato Pitton. Carpinteiros José Tibolla, Olímpio Razia, Ângelo Braz Dotto e Clemente Dotto. *(O nono Ângelo Braz Dotto era um especialista em construção de telhados de igrejas, Isso, já fazia na região da Quarta Colônia, quando morava em Vale Veneto, onde nasceu. Construiu várias igrejas por lá até em Caçapava do Sul. A mãe fala que o Clemente Dionysio Dotto, o filho homem mais velho, (a mãe era a mais velha de todos) acompanhava o nono para auxiliar nas obras, por algum tempo, talvez foi isso que aconteceu na construção da igreja de Rocinha. Acredito que os dois tenham trabalhados juntos por lá. Depois Clemente tornou-se professor e como tal aposentou-se (falecido aos 80 anos, em 2005). Antes de ajudar o nono o tio Clemente passou pelo Seminário Palottino de Vale Veneto. Os Dotto eram sinônimo de moinho. Quando vieram da Itália, se estabeleceram na Quarta Colônia em pontos estratégicos para cada um ter o seu moinho. O nono Ângelo. Além de telhados de igrejas, construía pequenas usinas hidroelétricas, moinhos, confeccionava moveis, fazia artesanato em madeira, construía pipas e até desenhava plantas de igrejas. Vieram para cá em 1943, em Esquina Londero, Dr. Mauricio Cardoso. Casado com Marcelia, tiveram 9 filhos. Ângelo nasceu em Vale Vêneto em 3 de fevereiro de 1901 e faleceu em 5 de maio de 1998 e está sepultado em Esquina Londero. Ângelo também era fotografo, com laboratório próprio para revelação das fotos. Quando de sua ausência em função de sua atividade era minha mãe que fazia este trabalho. | fonte: Atanagildo Germano Rorato).*

As pedras utilizadas nos alicerces, de 4 a 5 metros de profundidade foram retiradas das propriedades de Francisco Lorencet, Narciso Girardi e Adoryan, transportadas em carroças de bois ou de arrasto em zorra ou “slita” como eram conhecidas.

A capela tem 28 metros de comprimento, 11 de largura e 25 metros de altura e custou o valor de \$1.600.000,00 cruzeiros. A cruz de cimento tem 1,5 metros de braço.

Aconteceram muitas e fortes discussões para chegar a entendimentos. Uma delas foi o caso do Giácomo Turra que defendia fazer as paredes com tijolo duplo e não simples, por entender que seria mais seguro em função das proporções da obra. Outros defendiam parede com tijolo simples, mais barato e rápido. Depois do árduo trabalho, organizado e unido, a inauguração foi festejada com redobrada alegria e orgulho.

Padre Túlio Martinelli foi o engenheiro responsável pelo projeto e o pároco era o Pe. Afonso Durigon.

Foi um exemplo de unidade e superação para atingir a meta de inaugurar a igreja no dia da Festa da Padroeira.

TRADICIONALISMO GAÚCHO

Professor Antonio Felix Corteze, foi grande incentivador do tradicionalismo gaúcho, que surgiu forte na década 1960, com a formação de um grupo de danças vestidas com trajes típicos. Possuíam um seletor e variado repertório de danças gauchescas e se apresentavam com sucesso, na comunidade e região. A tradicional dança dos facões e “pau de fita”, declamações com talento faziam parte das apresentações do grupo. Foi construído um galpão crioulo, rústico, com paredes de pau roliço, raio de 5 metros coberto de capim santa-fé. Era o local dos ensaios, encontros, chimarrão de fogo-de-chão. Estava localizado nas imediações entre o antigo assador e o prédio da escola.

Integraram o grupo de tradicionalistas o gaitero Armelindo Cousseau, violeiros Inocente Tibola e Valentim Martinelli, os peões Pio Rama, Gentil Tibola, Hélio Cousseau, Antônio Corteze, Moacir Godoi, Hélio Godoi, Lilo Vieira, Nelson Salante, e as prendas Nair Salante, Mery, Elci e Luci Buzanello, Lúcia Turra, Lucila e Irene Corso.

O galpão crioulo foi consumido pelo fogo, rapidamente, após incendiar com parte de fogos de artifício. Quando percebido o incidente as chamas não puderam ser controladas. Junto com a queima do galpão foi se apagando e virando cinza a iniciativa do grupo, desmotivado com o fato

Em 1988, por iniciativa do saudoso tradicionalista, que nunca dispensava a inseparável bombacha, Fiorentino Dall Ross reativou o movimento de uma forma um pouco diferente, mais voltada para cavalgadas. Foi então construído o Galpão Crioulo Gaudério Fiorentino, de costaneira, chão batido e boraio junto ao Salão Comunitário. Local que serviu para muitas atividades que aproximou as pessoas entre si e das raízes do gauchismo. Uma atração do Ritornare foi as carreiradas de cavalos na estrada que sobe para São Caetano.

O Piquete Gaudérios de Rocinha, criado em 1985, por vários anos foi ponto de encontro dos apreciadores das tradições, adultos e crianças, em rodeios, provas e domingueiras, preparação e cuidado com os animais,

construção da pista, piquetes e infra-estrutura para os tradicionais Rodeios, no início do ano, na propriedade do Angelim da Silva e depois nas instalações do Érico Dall Ross.

POLÍTICA

Rocinha se destacou por seus representantes políticos na Câmara Municipal de Vereadores de Três de Maio.

O primeiro a se eleger, com a maior votação entre os candidatos, foi VALENTIM CASSOL para o período legislativo 1969 a 1972. Assumiu a presidência da Câmara de Vereadores por dois anos e também assumiu interinamente a cadeira de Prefeito Municipal.

O segundo foi ASSIS JOÃO TURRA, eleito por três mandatos consecutivos de 1989 a 2000, integrou a comissão Constituinte Municipal promulgada a partir da Constituição Federal de 1988, foi presidente da Câmara de Vereadores e em diversas oportunidades assumiu o comando do Executivo Municipal.

PADRES MISSIONÁRIOS DA CONSOLATA

Bem-Aventurado José Allamano fundou a **congregação dos** Padres Missionários da Consolata no ano 1901 em Turim – Itália e em 1911 fundou a congregação feminina das Missionárias da Consolata.

A primeira missão foi na África e alguns anos depois, vieram para o Brasil, abrindo campo de missão, entre os indígenas no Roraima e em seguida São Paulo, Santa Catarina, Paraná, e Rio Grande do Sul. Mais tarde deixaram alguns destes Estados do Sul e abriram campo de Missão no Nordeste - Bahia.

Chegaram a região em meados da década de 40 para assumir a Paróquia Nossa Senhora Imaculada Conceição que na época abrangia Três de Maio e Independência. Aqui permaneceram até 1986.

Ao longo destes anos são incontáveis as marcantes realizações dos Missionários da Consolata na estrutura organização das comunidades, edificações de capelas, na vida de fé e social das comunidades. As capelas, em sua maioria, foram construídas neste período, inclusive a igreja Matriz. Foram estabelecidos limites geográficos, para melhor serem atendidas.

No início, a visita do padre às comunidades do interior era feita com raridade e na medida do possível devido sua enorme extensão territorial e dificuldade de locomoção. Os padres que atendiam as capelas passavam de uma para a outra, a cavalo, charrete ou carrinho puxado a cavalo, conduzidos pelos moradores. Para prosseguir itinerário Pastoral, se hospedavam nas famílias e no final da viagem pastoral era levado de volta à matriz. Mais tarde o jipe foi o veículo utilizado.

O Instituto Educacional Cardeal Paccelli (Pio XII) foi fundada em 1948 pelos Missionários da Consolata para atender a demanda na educação dos filhos dos colonizadores desta região, na formação de professores e técnicos em contabilidade. Muito se deve a dedicação e vida de Pe. Orestes.

A atual Escola Estadual Castelo Branco, foi obra construída pela Congregação com a ajuda decisiva da comunidade, no início de 1960. Era o Seminário Nossa Senhora de Fátima. Entre os jovens que receberam formação neste seminário foram ordenados e permanecem sacerdotes destacamos os nomes de Luiz Balsan, Aquiléo Fiorentini, Osmar Zucatto, Elio Rama, Weber, José Tolfo, De Carli, Rosalino Dallagnese, Cláudio Cobalchini, Jaime Patias, Brum e outros. Uma menção especial ao Pe. Aquiléo, nascido em São Braz – Tucunduva, Paróquia de Três de Maio, atualmente Superior Geral da Congregação, presente em 52 países.

Muitos jovens são hoje cidadãos de bem e bem sucedidos nas famílias, organizações e sociedade graças a formação recebida nesta instituição.

Os missionários que assumiram a responsabilidade de pároco na Matriz Católica de Três e Maio foram: Pe. Antonio Ronchi - 1949 a 1952; Pe. Dionísio Peluso - 1952 a 1955; Pe. Silvano Sabatini - 1959 a 1960; Pe. João

Tolosano - 1960 a 1963; Pe. Afonso Durigon - 1963 a 1971; Pe. Alberto Agustini - 1971 a 1985; Pe Gianni Basso - 1985 a 1986.

Pe. Alberto Agustino, homem sábio, estudioso e de profundo amor a sua Igreja, foi um pároco que se destacou pela sua visão Pastoral ampla e em profundidade. Imprimiu um novo modo de ser Igreja, com a abertura do Vaticano II. A ele se deve a nova estruturação e organização dos setores de Pastoral Paroquial: Comunidades Eclesiais de Base, formação de leigos para o Ministério Extraordinário da Palavra e da Eucaristia. Após dois anos formação periódica, foram provisionados 60 ministros, na primeira turma, sendo pioneiro na Diocese, nesta formação.

Pe. José Radicci, italiano, jovem chegou na metade da década de 50 em Três de Maio e permaneceu até 1963. Era chamado de “Vigário da Roça”. Destacou-se como construtor de capelas, foram mais de trinta por ele orientadas com muito dinamismo.

A Comunidade Nossa Senhora da Saúde de Rocinha ao longo de alguns anos já reunia recursos e materiais para construir sua nova capela. Parecia que faltava coragem, um impulso para acontecer o início. A arrancada foi dada pelo Pe. Radicci no ano de 1957 quando as famílias assumiram com determinação a construção da capela atual. Foi solenizado o lançamento da pedra fundamental no dia da festa do padroeiro da juventude, São Sebastião, em 20/01/1957 e inaugurada a obra pronta no dia da festa da Padroeira em 24 de novembro do mesmo ano. Foram 40 semanas de intenso trabalho das 120 famílias sócias, mais as agregadas, organizadas em seis grupos distribuídos na semana que atuaram destemidamente para atingir a meta e no final festejar a conquista. Pe. Túlio Martinelli forneceu a planta, Pe. José Radicci foi o administrador e Pe. Afonso Durigon era o Vigário na época.

Entre os Missionários da Consolata, que marcaram presença na nossa paróquia e comunidade, com gratidão neste cinqüentenário, relacionamos os padres Paulino Ronchi, Dionísio Pelzuzzo, José Zinto, João Gambolina, Lívio Gabrielli, Alfonso Durigon, Orestes Guibaldo, José Radicci, Natal Belotti, Marcos Cantori, Marcos Lonatti, José Inccico, Vicente Rampino,

Joaquim Quessada, José Galantino, Heitor Fatore, Eugênio Possamai, Dante Possamai, Eugênio Butti, Severino Bordignon, Pedro Pacceli, Alberto Agostín, João Pedro Canossi, Joaquim Gonçalves, Adriano Scarparo, Benito Ronchi, Emílio Montin, Paulino Galbusero, João Tolosano, Geraldo Deretti, Dino Santi, Silvano Sabatini, Cláudio Fator, Jordão Pessatti, Serafim Marques, Manoel Gavosto, Irmão José, Irmão Antonio Costardi (Promotor Vocacional)

CURIOSIDADES GERAIS

1. A área onde está construída a capela, salão e quadra de esportes, escola, pomar e outras dependências comunitárias, foi desmembrada de área maior pertencente ao Sr Ernesto Benedetti e escriturada para a Mitra de Uruguaiana, hoje Angelopolitana.
2. A primeira linha diária de ônibus ligando Rocinha a Três de Maio, via São Caetano, Santo Antônio, Consolata, pertenceu ao Estevão Debomgurski.
3. A primeira trilhadeira e primeiro carro (Ford 29) pertenceram ao Antônio Padoim.
4. O Bar e Sorveteria iniciou suas atividades no mesmo prédio onde hoje funciona o Bolicho do Tônico Turra e tinha como sócios o Avelino Salante e João Turra.
5. A primeira parteira foi Inocência Verdum e depois dela desempenharam esta nobre missão a Amábele Padoim e Paulina Lorenzet.
6. A primeira escola funcionou na residência da professora Coronoa Corso, iniciou a primeira turma com 40 alunos.
7. Em 28/12/1997, em grande festa foram comemorados os 65 anos da Escola, estando na direção do colégio a professora Teresinha Turra, com reencontro e homenagens a ex-professores, ex-alunos. Apesar da forte chuva que interrompeu os acessos a confraternização e

comemorações transcorreram em clima de festa e saudades. Prestaram depoimentos emocionados Maria Perinazzo Segatto, aluna da primeira turma, professor Jordão, representando os ex-professores, Marisa Corso representando os alunos até a década 1960 e Sônia Tibola os alunos da década 1970.

8. O prédio da FAG – Frente Agrária Gaúcha, foi construído em 1963, quando o número de salas de aula eram insuficientes para acomodar a grande quantidade de alunos. O estado, lento, retardava a ampliação das instalações e a comunidade, incentivada pelo Padre José Radicci, se mobilizou e construiu quatro salas, em mais uma demonstração de unidade, empreendedorismo e determinação. O prédio também se destinava à comunidade como escola paroquial para estudos, cursos e encontros. Os tijolos foram fornecidos pela olaria do Liberato Corso.
9. Nas proximidades da capela e antiga escola, bem no início havia muito mato e as festas da comunidade, eram realizadas em espaços abertos (tipo furnas) na mata onde construíam as mesas e bancos. A churrasqueira feita no chão escavado e os espetos feitos de varas cortadas do mato, de madeiras e espessura selecionadas, descascadas onde a carne (que ficava na salmoura para temperar, de um dia para o outro) era espetada e ia para o braseiro.
10. Para esfriar as “gasosas” nas festas, era cavado um buraco na terra, revestido com folhas verdes, colocadas as “grapetes” e outras mais, sobre uma camada de “estopa”, bastante sal grosso e água, para refrescar.
11. O vinho era colocado em barrica de madeira sobre um toco de guajuvira. Todos se serviam ao preço de “200 réis” e a cerveja era colocada em baldes e largadas dentro do poço pela corda do molinete. “Come l’era freda e gostosa” é a expressão com a qual recordam os mais antigos.
12. Havia muita formiga ao ponto de danificar e inutilizar as roupas utilizadas nas celebrações na igreja, o que causava sérios transtornos, principalmente para o sacristão que cuidava disso.

13. **O SINO** da capela veio de Garibaldi, pesando 348 kg. De início foi colocado sobre dois cepos, próximos do chão. Em 1949 Dovílio Turra e o Missio de Tucunduva, construíram, ao lado da capela de madeira, campanário de 6 a 7 metros de altura, onde foi colocado e permaneceu até a construção da atual capela que lhe destinou o alto da torre para permanecer. No dia da festa, sendo leiloeiro Albino Vieira de Tucunduva, foi padrinho do sino, (com lance de 50 e 70 mil reis), Miguel Dembogurki e madrinha Olímpia Binicheski. Ambos foram convidados para almoçar numa mesa de honra.
14. O primeiro cemitério, localizava-se onde se encontra atualmente o pomar da escola, em frente a lateral leste do campo de futebol. Foi transferido, no início da década 1970, para sua localização atual em terreno doado pelo Sr Liberato Corso. Curiosidade o cemitério está situado no município de Tucunduva, considerando que o lajeado Rocinha é o referencial que divide os territórios dos municípios.
15. Os aspectos relativos as Famílias, o Esporte e a Escola estão desenvolvidos em documentários próprios.